Editor: Carlos Alexandre de Souza
carlosalexandre.df@dabr.com.br
3214-1292 / 1104 (Brasil/Política)

VIOLÊNCIA

Inferno no Rio

Milicianos ateiam fogo em ao menos 35 ônibus e um trem após operação policial. Governador afirma que ações continuam

» FERNANDA STRICKLAND
» EDUARDA PAZ
Especial para o **Correio**

A tarde de ontem foi de pânico para moradores da Zona Oeste do Rio de Janeiro. Em reação a uma operação policial realizada pelo governo estadual, milicianos que atuam na região atearam fogo em 35 ônibus e um trem. Outros veículos também foram incendiados na região, com o fechamento de diversas vias da cidade. Segundo informações do Centro de Operações Rio (COR-Rio), a morte de um chefe da milícia provocou a onda de violência na cidade.

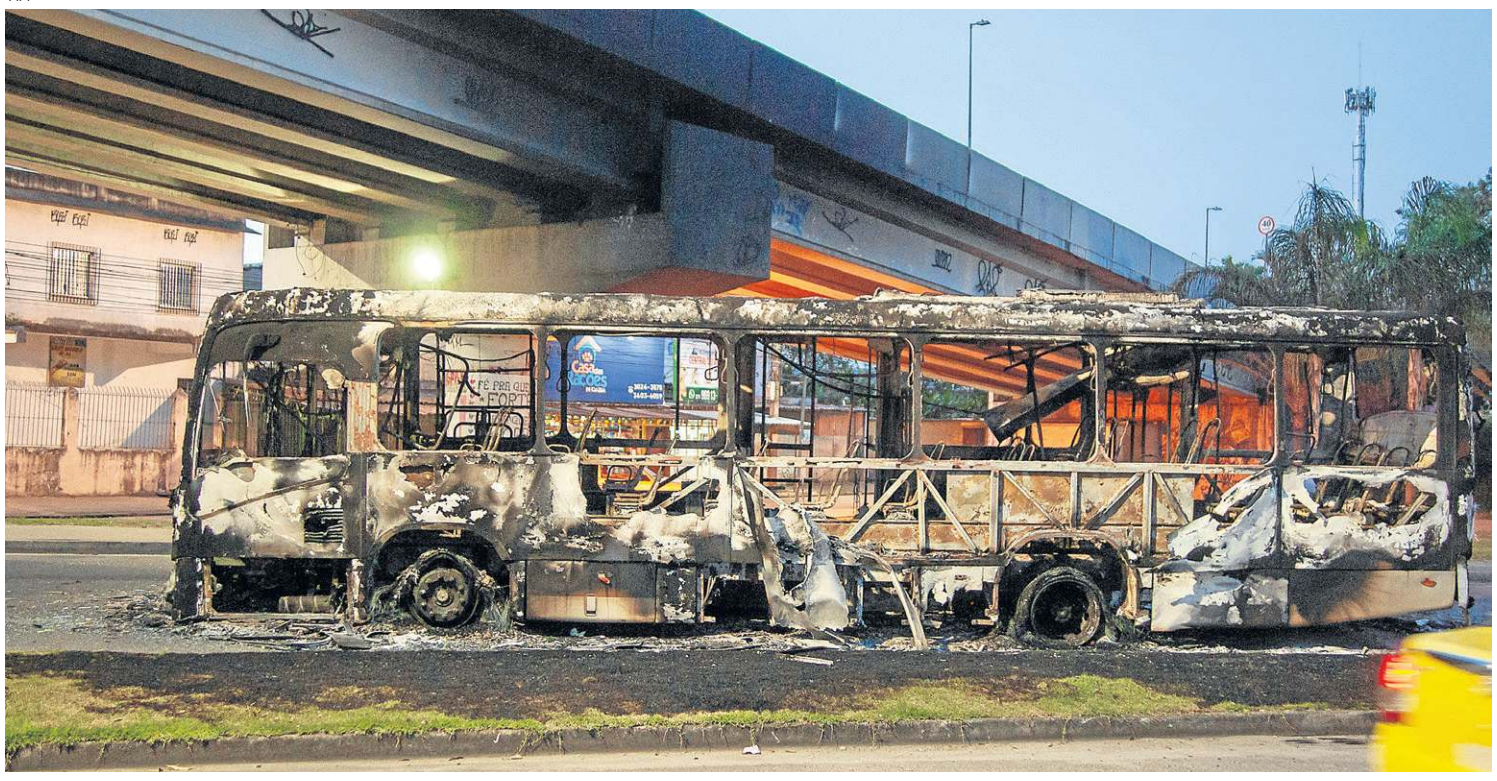
Pouco mais de duas semanas do assassinato de três médicos em um quiosque à beira-mar na mesma Zona Oeste, cidadãos inocentes foram vítimas da violência imposta por grupos milicianos. Milhares de pessoas foram impedidas de voltar para casa. Hoje, as aulas estão suspensas na região de conflito.

A destruição no sistema de transporte carioca ocorreu após a morte do miliciano Matheus da Silva Rezende. Conhecido pelos apelidos "Teteu" e "Faustão", ele é sobrinho do chefe da milícia da região. Rezende foi morto durante uma troca de tiros com a Polícia Civil do estado que estava em uma operação contra o crime organizado na Zona Oeste do Rio de Janeiro. O homem era apontado como o número dois na hierarquia da milícia comandada pelo tio.

Entre os ônibus queimados, 20 são da operação municipal, 5 do BRT e outros de turismo ou fretamento. Outros veículos e pneus também foram incendiados, fechando diversas vias em bairros como Campo Grande, Santa Cruz, Paciência, Guaratiba, Sepetiba, Cosmos, Recreio, Inhoaíba, Barra, Tanque e Campinho.

Pelo menos 12 suspeitos de ataques a ônibus foram levados para a 35ª DP (Campo Grande). Passageiros tiveram que deixar alguns dos coletivos às pressas momentos antes de os criminosos atearem fogo aos ônibus. Além disso, o site G1 informou que um menino de 10 anos foi atingido de raspão durante a ação. Os familiares informaram que ele foi levado para a UPA de Paciência, e liberado após atendimento.

AFP



Ônibus incendiado no Recreio dos Bandeirantes, Zona Oeste do Rio: reação após a morte de "02" de uma das maiores milícias da região

Mobilidade

O Centro de Operações da Prefeitura do Rio informou que o município entrou em estágio de atenção às 18h40 de ontem, em razão dos ataques na Zona Oeste da cidade. "A mobilidade está comprometida em corredores como a Avenida Santa Cruz, Avenida Cesário de Melo e a Avenida das Américas. Veículos incendiados em diversas vias da Zona Oeste do Rio. Além disso, a oferta de transporte público para os cidadãos também está impactada", afirmou em nota.

O Estágio de Atenção é o terceiro nível em uma escala de um a cinco e significa que uma ou mais ocorrências já impactam o município, afetando a rotina de parte da população. A prefeitura recomenda ainda que a população tome as seguintes ações preventivas: não se desloque pelas regiões mais afetadas; fique atento às informações divulgadas pelos veículos de comunicação e nas redes sociais do Centro de Operações Rio (COR); se necessário, use os telefones de emergência 193 (Corpo de Bombeiros) e 199 (Defesa Civil).

Histórico

Os conflitos na Zona Oeste intensificaram-se desde 2021, com a morte de Ecko (Wellington da Silva Braga). O grupo, chamado de "Bonde do Ecko", dominava boa parte da região. Após a morte do miliciano, o irmão, conhecido pelo apelido de Zinho (Luis Antônio da Silva Braga) e o ex-parceiro Tandera (Danilo Dias Lima) passaram a disputar os bairros.

A disputa entre as milícias causa uma onda de violência para moradores da zona oeste do estado. Além disso, o Comando Vermelho, antes focado em tráfico de drogas, começa a aliar-se com milicianos pelo controle das comunidades.

No início de outubro, na mesma região da cidade, os conflitos resultaram no triplo assassinato de médicos na orla da Barra da Tijuca. Segundo as investigações policiais, os ortopedistas Diego Ralf Bomfim, Marcos de Andrade Corsato e Perseu Ribeiro Almeida foram assassinados por engano depois que um informante avisou a traficantes ter visto um miliciano jurado de morte.

Castro: "Não vamos parar"

Em coletiva de imprensa no Palácio Guanabara, o governador do Rio de Janeiro, Cláudio Castro (PL) reforçou que a ação de ontem é um "duro golpe" em uma das maiores milícias da Zona Oeste do estado. "Na operação, veio a óbito Matheus Rezende, conhecido como Faustão ou Teteu. Além de sobrinho, era o 02, o senhor da guerra. Responsável pela guerra da facção, mas também pela união entre tráfico e milícias, fazendo as narcomilícias", reforçou o governador.

O governador parabenizou todos os membros da ação. "Porque neutralizam um dos maiores criminosos do Rio. Infelizmente, o que vimos foi uma resposta dura dessa criminalidade. Atacando a vida desse cidadão, prejudicando a vida das pessoas", disse. "O crime organizado, não ouse desafiar o Estado. O nosso plano de contingência já está ativo desde as primeiras horas. Todo o contingente da Polícia Militar, da Polícia Civil, já estão nas ruas. Garantindo que a vida da população volte ao normal", completou Castro.

O governador afirmou que as equipes policiais continuam na rua para garantir a segurança da população. "Liguei para o prefeito, Eduardo Paes, e para o Ministro da Justiça, Flávio Dino. Para que possamos juntos garantir que a população terá em nós uma fronteira firme, entre a lei, a ordem e a normalidade", assegurou o governador.

Mais cedo, nas redes sociais, o governador já havia mencionado a disposição das forças de segurança. "Não vamos parar. Nossas ações para asfixiar o crime organizado têm trazido resultados diários", escreveu.

O prefeito do Rio de Janeiro, Eduardo Paes (PSD) lamentou os prejuízos. "Tivemos que interromper serviços de transporte na Zona Oeste para que não queimem mais ônibus. Ou seja, únicos prejudicados: moradores das áreas que eles dizem proteger! Essa gente precisa de uma resposta muito firme das forças policiais! Como prefeito, apelo ao Governo do Estado e ao Ministério da Justiça para que atuem para impedir que fatos assim se repitam."

Ataque em escola de São Paulo mata uma aluna

» HENRIQUE FREGONASSE*
» MARINA DANTAS*
» RAFAEL MAGALHÃES
Especial para o **Correio**

A cidade de São Paulo começou a semana com mais um ataque a um colégio público. Um aluno de 16 anos invadiu a Escola Estadual em Sapopemba, na Zona Leste, e disparou vários tiros. Ele matou uma estudante e feriu outros três.

O adolescente usou o revólver calibre 38 do pai. A arma foi entregue à coordenadora da escola, após o crime, segundo informou o governo de São Paulo. Os feridos foram encaminhados ao Hospital Geral de Sapopemba. Um deles se machucou ao tentar fugir durante o ataque.

O governador de São Paulo, Tarcísio de Freitas (Republicanos-SP), lamentou a tragédia. Disse que, apesar dos esforços na prevenção desses ataques, o governo estadual precisará reavalia a estratégia. "Fica a necessidade de rever tudo que a gente está fazendo para evitar novas ocorrências. A gente não pode deixar que esse tipo de coisa aconteça", disse.

Freitas comentou o trabalho da Secretaria de Segurança Pública para evitar esses ataques. "De março para cá, 165 tentativas ou suspeitas foram frustradas.(...) Mas é aquilo: por mais que você evite uma série de situações e de ocorrências, quando uma você não consegue evitar, quando você falha, fica a dor", lamentou.

O ministro da Justiça, Flávio Dino, e o prefeito de São Paulo, Ricardo Nunes (MDB-SP) lamentaram o assassinato nas redes sociais. "Solidariedade às vítimas, suas famílias e à comunidade da escola estadual de São Paulo, alvo de ataque com arma de fogo. O Laboratório de Crimes Cibernéticos do Ministério da Justiça foi acionado para auxiliar a Polícia de São Paulo a aprofundar as investigações", escreveu Dino.

Ricardo Nunes reafirmou a atuação conjunta da prefeitura com o governo estadual. "Estou em contato com o Estado para oferecer o suporte necessário", ressaltou em post.

Paulo Pinto/Agencia Brasil

PMs em frente ao local da tragédia: alunos havia sofrido bullying

Combate ao bullying

Segundo os primeiros relatos colhidos pela polícia, o autor do disparo foi alvo de bullying na escola. A mãe do estudante registrou, em abril, um boletim de ocorrência sobre agressão sofrida pelo filho. Para a advogada Ana Paula Siqueira, especialista em bullying e bullying digital, o episódio indica falhas na prevenção à violência entre estudantes.

"O jovem autor dos tiros relatou o problema, porém, a situação continuou evoluindo até o desfecho fatal. É o 11º caso no Brasil somente em 2023. Na grande maioria, os agressores alegaram vingança contra casos de bullying ocorridos anteriormente", observa a especialista.

Até junho deste ano, o Brasil registrou 34 ataques a escolas cometidos exclusivamente por estudantes e ex-estudantes. Telma Vinha, doutora em Educação e professora da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), e Cleo Garcia, mestranda em Educação, consideram os ataques como uma emergência gravíssima e de alta complexidade.

O *Raio-x de 20 Anos de Ataques a Escolas no Brasil*, do Instituto Sou da Paz, revela que entre 2022 e abril de 2023, 137 pessoas foram vítimas de ataques violentos a escolas. Destas, 45 perderam a vida.

No Congresso Nacional, a fim de dar uma resposta à onda de violência nas escolas, o Projeto de Lei 3613/2023 visa tornar crime hediondo homicídios, lesões corporais seguida de morte e lesões corporais cometidas no interior de instituições de ensino públicas e privadas (incluindo educação básica, superior, técnica, profissionalizante e cursos de idiomas).

Apresentada em julho e de autoria do Executivo, a proposta altera a Lei dos Crimes Hediondos e estabelece que o condenado não tenha direito a fiança e a nem receber indulto, anistia ou liberdade provisória, além de ter progressão de regime mais lenta. O Código Penal também entra nos critérios de mudança a fim de qualificar o homicídio com reclusão de 12 a 30 anos. O PL ainda está em tramitação e aguarda despacho do Presidente da Câmara dos Deputados, Arthur Lira.

***Estagiários sob supervisão de Carlos Alexandre de Souza**